

**A UTILIZAÇÃO DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS (HQs)
EM SALA DE AULA
COMO INSTRUMENTO DE APERFEIÇOAMENTO
EM LÍNGUA PORTUGUESA
PARA OS ALUNOS DE 6º E 7º ANOS**

Mauren Vanessa Lourenço Souto ()
maurensouto@hotmail.com

RESUMO

Atualmente, as histórias em quadrinhos representam um meio de comunicação de massa de grande penetração popular. Mesmo com o aparecimento de outros meios e a concorrência abundante, o público leitor aumenta a cada dia. Por muito tempo, estas foram consideradas um tipo de texto prejudicial ao desenvolvimento cognitivo e leitor dos alunos, havendo, inclusive, movimentos anti-HQ. Depois de perceberem que as histórias em quadrinhos eram ferramentas bastante eficientes para a transmissão de conteúdos pedagógicos, os Estados Unidos foram os pioneiros na criação de histórias em quadrinhos de caráter educacional, pois constataram que utilizá-las em sala de aula era uma forma de trabalhar conteúdos de maneira lúdica, de possibilitar uma aprendizagem mais agradável e significativa aos alunos. Ao fazer uso das histórias em quadrinhos em sala de aula, os educandos seguem a história do começo ao final, conseguem compreender seu enredo, os personagens existentes e noção de tempo e espaço sem a necessidade de recorrer a grandes habilidades de interpretação, pois nas histórias em quadrinhos, as imagens dão apoio e pistas contextuais que auxiliam o educando a fazer as inferências necessárias à interpretação correta do texto. Neste projeto, as atividades com histórias em quadrinhos serão trabalhadas de acordo com a ocasião: em determinados momentos servirão para introduzir algum tema que depois será trabalhado por outros meios; em outros servirão para aprofundar algum conteúdo já apresentado, gerando discussões acerca do assunto ou ilustrando o mesmo para melhor fixação, todas, sempre adaptadas ao currículo.

Palavras-chave: Histórias em quadrinhos. HQs. Pedagogia. Ensino. Texto.

1. Introdução

As histórias em quadrinhos, atualmente representam um meio de comunicação de massa de grande penetração popular. Mesmo com o aparecimento de outros meios de comunicação e a concorrência abundante o público leitor aumenta a cada dia (RAMA & VERGUEIRO, 2005, p. 07). Por muito tempo estas foram consideradas um tipo de texto prejudicial ao desenvolvimento cognitivo e leitor dos alunos, havendo, inclusive, movimentos anti-histórias em quadrinhos.

Depois de perceberem que as histórias em quadrinhos eram fer-

ramentas bastante eficientes para a transmissão de conteúdos pedagógicos, os Estados Unidos foram os pioneiros na criação de histórias em quadrinhos de caráter educacional²⁰, pois constataram que utilizá-las em sala de aula era uma forma de trabalhar conteúdos de maneira lúdica, de possibilitar uma aprendizagem mais agradável e significativa aos alunos.

Ao fazer uso das histórias em quadrinhos em sala de aula, os educandos seguem a história do começo ao final, conseguem compreender seu enredo, os personagens existentes e noção de tempo e espaço sem a necessidade de recorrer a grandes habilidades de interpretação, pois nas histórias em quadrinhos, as imagens dão apoio e pistas contextuais que auxiliam o educando a fazer as inferências necessárias à interpretação correta do texto.

Este artigo mostrará que as atividades com histórias em quadrinhos serão trabalhadas de acordo com a ocasião: em determinados momentos servirão para introduzir algum tema que depois será trabalhado por outros meios; em outros servirão para aprofundar algum conteúdo já apresentado, gerando discussões acerca do assunto ou ilustrando o mesmo para melhor fixação, todas, sempre adaptadas ao currículo, assim como comentários dos resultados obtidos até o momento com a realização do projeto em turmas do 6º ano.

2. O livro didático

Atualmente, é comum encontrar livros didáticos nas mochilas escolares e nas salas de aula. Conforme Gérard e Roegiers (1998, p. 19) o livro didático é “um instrumento impresso, intencionalmente estruturado para se inscrever num processo de aprendizagem, com o fim de lhe melhorar a eficácia”. Entretanto, sua utilização assume diferentes níveis de importância de acordo com as condições, os lugares e as situações em que são utilizados.

No universo escolar atual o livro didático coexiste com diversos outros instrumentos como quadros, mapas, enciclopédias, audiovisuais, softwares didáticos, CD-ROM, Internet, dentre outros, mas ainda assim continua ocupando um papel central (FREITAS & RODRIGUES).

²⁰ Comentário presente em Monfardini, Grazinoli e Ferreira (2012). As primeiras criações foram das revistas True Comics, Real Life, Picture Stories from American History entre outras, editadas durante a década de 1940.

De acordo com as autoras, a origem dos livros didáticos está justamente na cultura escolar, muito antes da invenção da imprensa (final do século XV). Antes, os livros eram raros, e os próprios alunos eram obrigados a produzirem seus cadernos de textos e atividades. Com o advento da imprensa, os livros começaram a ser produzidos em séries, sem, no entanto, serem acessíveis a todos.

Especificamente sobre os livros didáticos, Ana A. Arguelho de Souza (2013), em seu artigo “Ensino de Língua e Literatura no Brasil do século XIX: o curso elementar da literatura nacional e as Postillas de Rhetorica e Poetica utilizados no Imperial Colégio de Pedro II”, deixa claro que, no Brasil, o Colégio Pedro II foi a primeira instituição escolar a ganhar expressão, servindo como espelho ou modelo de currículos e manuais para todo o ensino secundário do país. Explica, que muitos livros didáticos, aos serem analisados, ainda hoje seguem os preceitos utilizados pelos membros daquela instituição.

Ana Arguelho afirma que os livros didáticos, por serem forjados nas origens da escola burguesa, “acompanham o movimento de fragmentação e diluição que caracteriza a própria sociedade, não havendo como se reivindicar uma qualidade para o livro didático”. Talvez isto explique os motivos para que os livros didáticos de língua portuguesa fossem produzidos sem a utilização de literatura ou de textos clássicos.

O livro didático acompanhou o desenvolvimento do processo de escolarização do Brasil. Desta maneira, na primeira metade do século passado, os conhecimentos e conteúdos escolares vinham com os professores; depois, com a democratização do ensino, estes conteúdos passaram a ser veiculados pelos livros didáticos produzidos e escolhidos pelos professores.

Em 1938 o livro didático entrou na pauta do governo quando foi instituída por meio do Decreto-Lei nº 1.006, de 30/12/38 a Comissão Nacional do Livro Didático (CNLD) que estabelecia a primeira política de legislação para tratar da produção, do controle e da circulação dessas obras. Esta comissão possuía mais a função de controle político-ideológico do que propriamente uma função didática (FREITAG et al., 1989).

Sobre os livros didáticos de língua portuguesa, Fregonezi (1997) afirma que:

No ensino de língua portuguesa, os materiais de ensino transformaram-se historicamente. Era comum, até na década de sessenta, a existência de dois tipos de materiais: uma antologia e uma gramática. A antologia resumia-se nu-

ma coletânea de textos, sem indicações metodológicas ou preparação de exercícios. A gramática era especialmente elaborada para o uso de alunos desse nível de escolaridade (FREGONEZI, 1997, p. 128).

Atualmente, os livros didáticos trazem em seu corpo uma “mescla” dos dois tipos anteriores: seu interior possui textos, explicações dos conteúdos e atividades de gramática, especificamente. No entanto, ainda segundo Fregonezi (1997, p. 136) “qualquer livro didático, de certa forma, está sempre incompleto, exigindo a interferência do aluno e do professor para completá-lo”. Infelizmente, não é isso que acontece. Na maioria das vezes, o livro didático acaba sendo um fim e não um meio para os professores, que os utilizam como se fosse a única fonte disponível de informação acerca dos conteúdos a serem trabalhados.

O ideal seria que todos os professores fossem treinados e capacitados para trabalhar de maneira diferenciada com o livro didático e esta falta de fundamentação teórica por parte destes é que os levam a um total desencanto para com a profissão e para a falta de interação entre professores x alunos x livros didáticos (DIAS, 2010).

Segundo Peruzzi *et al.* (2000), “o professor deve buscar no livro didático as contribuições que possibilitam a ele mediar a construção do conhecimento científico pelo aluno”. Assim, mesmo que o professor faça uso de um livro didático com boas referências e aceitação, é imprescindível que ele busque outras fontes literárias para que haja a confirmação científica dos conteúdos e a pertinência dos mesmos para as turmas em que leciona.

A utilização das histórias em quadrinhos como recurso para o ensino-aprendizagem não é muito comum, ainda, nos livros didáticos, aparecendo esporadicamente em alguns capítulos ou trechos determinados das obras. Porém, a utilização das histórias em quadrinhos, principalmente, em turmas de 6º ano, é uma maneira de o professor “melhorar” sua prática pedagógica, tornando o trabalho em sala de aula mais “leve” e o aprendizado mais eficaz por parte dos alunos, uma vez que este tipo de literatura está mais próxima da realidade dos educandos, principalmente pela linguagem utilizada e pelo apoio visual existente nos quadrinhos.

3. O uso dos quadrinhos em sala de aula

As histórias em quadrinhos representam um meio de comunicação de massa de grande penetração popular, principalmente nos dias de hoje.

Mesmo com o aparecimento de outros meios de comunicação e a concorrência abundante o público leitor e número de fãs aumentam a cada dia (RAMA & VERGUEIRO, 2005, p. 07).

Por muito tempo as histórias em quadrinhos foram consideradas um tipo de texto prejudicial ao desenvolvimento cognitivo e leitor de crianças e jovens, havendo, inclusive, na década de 50 do século XX, movimentos anti-histórias em quadrinhos. No entanto, estes não alcançaram o intento de extinguir as histórias em quadrinhos dos meios de comunicação, principalmente, porque, de maneira geral, de acordo com Rama & Vergueiro (2005, p. 08) os adultos tinham dificuldade para acreditar que as histórias em quadrinhos pudessem contribuir para o aprimoramento cultural e moral de seus jovens leitores.

De acordo com o artigo “As Epistemologias do Uso das Histórias em Quadrinhos na Sala de Aula: Uma Abordagem Histórica”, apresentado no XVI ENDIPE – Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino, em 2012, depois de perceberem que os quadrinhos eram ferramentas bastante eficientes para a transmissão de conteúdos pedagógico-curriculares, os Estados Unidos foram os pioneiros na criação de histórias em quadrinhos de caráter educacional, com a criação, por exemplo, das revistas *True Comics*, *Real Life*, *Picture Stories from American History* entre outras, editadas durante a década de 1940, que traziam histórias sobre os alguns personagens famosos da história e da literatura; publicações que tentavam aproximar, cada vez mais, os quadrinhos das grandes obras literárias, e, conseqüentemente, cada vez mais aceitas nos âmbitos escolares.

Utilizar as histórias em quadrinhos em sala de aula era uma forma de trabalhar temas escolares de maneira lúdica, um modo de possibilitar um ensino-aprendizagem mais agradável e muito mais significativo aos leitores/alunos.

Assim, com o aumento do interesse educacional pelas histórias em quadrinhos, o mercado editorial passou a investir mais especificamente em histórias em quadrinhos com enredos voltados para a transmissão de conteúdos escolares.

Outros editores, constatando o sucesso comercial desse tipo de publicação, também se aventuraram na mesma linha, com maior ou menor sucesso, ajudando a firmar, perante o público, o entendimento de que as histórias em quadrinhos podiam ser utilizadas para a transmissão de conteúdos escolares, com resultados bastante satisfatórios (RAMA & VERGUEIRO, 2005, p. 19).

Ao fazer uso das histórias em quadrinhos em sala de aula, as crianças e adolescentes seguem a história do começo ao final, conseguem compreender seu enredo, os personagens existentes e noção de tempo e espaço sem a necessidade de recorrer a palavras sofisticadas e a grandes habilidades de interpretação, pois nas histórias em quadrinhos, as imagens dão apoio e pistas contextuais que auxiliam o educando a fazer as inferências necessárias à interpretação correta do texto.

Depois que as histórias em quadrinhos passaram a ser reconhecidas como legítimas produções artísticas e culturais, ficou mais fácil reintroduzir a discussão sobre o uso pedagógico da linguagem sequencial das histórias em quadrinhos nas escolas. Assim, a partir de ilustrações nos livros didáticos, aos poucos as histórias em quadrinhos começaram a desmistificar e conquistar o contexto escolar enquanto proposta pedagógica, chegando aos dias atuais com grande força e previstas nos *Parâmetros Curriculares Nacionais* (PCN), tendo, inclusive sua leitura recomendada pelo Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE) (VERGUEIRO & RAMOS, 2009, p. 7).

4. Estudo de caso: 6º ano

Sou professora de turmas de sexto ano, cada uma com características e ritmos de aprendizagem distintos, no entanto, notei que, durante as aulas semanais de leitura, o que os alunos mais gostavam de ler eram as histórias em quadrinhos. Mesmo a escola não tendo um acervo muito grande de gibis, estas eram as obras que os alunos mais se identificavam. Portanto pensei: por que não aproveitar este gosto e utilizar as histórias em quadrinhos durante as aulas como recurso didático “permanente”, uma vez que em avaliações, sempre as utilizei?

Meu desejo foi intensificado quando, em busca de um assunto interessante e agradável para servir de tema para minha defesa de mestrado, durante uma aula o assunto em voga foi justamente a utilização das histórias em quadrinhos em sala de aula. Neste momento entendi que este deveria ser meu tema de pesquisa.

Assim, depois de acertados alguns itens burocráticos, expus aos alunos minhas intenções e os objetivos do projeto que colocaria em prática em suas respectivas turmas. Imediatamente os alunos concordaram e demonstraram entusiasmo com a realização do mesmo. Combinei com eles que o projeto seria expansivo aos 6º e 7º anos, uma vez que já nos

encontrávamos em meados do quarto bimestre e que este projeto não poderia ser realizado com resultados satisfatórios em curto prazo. Como a maioria dos alunos tem intenção de continuar estudando na escola no próximo ano e que provavelmente continuarei sendo sua professora, nada mais justo que o projeto tenha continuidade no próximo ano letivo.

O projeto ainda está em sua fase inicial, com a pesquisa de material que se encaixe perfeitamente com o conteúdo trabalhado em sala, mas o mais importante de tudo é que os alunos já se sentem motivados, pois em várias aulas, conforme o conteúdo, diversos alunos já trouxeram exemplos de tirinhas ou histórias em quadrinhos para perguntar se esta ou aquela se encaixaria naquilo que estamos trabalhando no momento. Algumas são pertinentes, outras nem tanto, mas até o momento, não descartei nada do que me foi trazido por eles, pois o que vale é a intenção de ajudar, de participar. Quando a historinha não serve, apresento-a da mesma maneira à turma, e juntos, “descobrimos” porque aquela não se encaixa com aquilo que está sendo trabalhado.

Notei que os alunos (obviamente não todos ainda) gostaram do projeto e que se esforçam para trazer material que “sirva” como eles dizem. Trabalhar desta maneira, talvez por não ser algo tão habitual, toma muito tempo da aula e ainda não podemos avaliar os resultados obtidos de maneira satisfatória, mas a empolgação e o empenho de grande parte dos educandos já é visível, inclusive em outras disciplinas, pois de acordo com a professora de outra disciplina que trabalha nas mesmas turmas de 6º ano, o projeto já está refletindo em suas aulas também, porque os alunos já lhe mostraram tirinhas que se encaixaram em dois conteúdos trabalhados por ela e que foram utilizadas durante as aulas.

Ao longo do próximo ano letivo espero obter resultados consistentes, que sirvam como base para trabalhos futuros, quem sabe de maneira interdisciplinar, já que os alunos demonstraram interesse e que o objetivo maior, que é melhorar o ensino-aprendizagem dos discentes seja efetivo. Quem sabe este projeto atinja patamares maiores e sirva como base teórica e prática para a produção de materiais didáticos voltados para esta metodologia de trabalho docente.

5. Conclusão

Existe uma necessidade premente em melhorar o ensino-aprendizagem dos alunos na disciplina de língua portuguesa, uma vez que estes

saem das séries iniciais com sérias dificuldades de leitura e interpretação e conseqüentemente, de assimilação dos conteúdos a serem trabalhados nestes anos subsequentes. Como os alunos gostam de ler histórias em quadrinhos e gibis, trabalhar com estes materiais aproximariam a realidade do aluno à rotina escolar, tornando o aprendizado mais agradável para o educando. Ao tornar a aula mais agradável, pressupõe-se que a assimilação do conteúdo didático fique mais interessante, mais fácil para o aluno.

Os livros didáticos, apesar de trazerem tirinhas e algumas histórias em quadrinhos em seu corpo, ainda não o fazem de maneira consistente pois estas normalmente aparecem em quantidade irrisória para poder surtir um efeito real na aprendizagem dos educandos.

A utilização das histórias em quadrinhos como recurso didático para melhoria do ensino-aprendizagem dos alunos é um assunto a ser discutido por mais tempo, com mais propriedade e requer um estudo teórico-prático mais intenso.

Desta maneira, a realização deste projeto é de grande valia para a comunidade escolar e conforme o que está exposto no item estudo de caso deste artigo percebe-se, que apesar do pouco tempo de implantação deste plano, sua aceitação e a participação por parte dos alunos estão sendo boas, tendo reflexos inclusive em disciplinas que não fazem parte dele.

Reafirmando o que foi escrito no final do estudo de caso, quiçá este projeto atinja patamares maiores e sirva como base teórica e prática para a produção de materiais didáticos voltados para esta metodologia de trabalho docente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. *Parâmetros curriculares nacionais*. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br>>. Acesso em: 10-10-2013.

DIAS, Eliana. Livro didático: do surgimento às mudanças atuais. *Anais do II Seminário de Pesquisa do NUPEPE*. Uberlândia/MG, 21 e 22 de maio 2010, p. 132-143. Disponível em: <[http://www.eseba.ufu.br/arquivos/anais/trabalhos_Completos/Eixo_1/Eliana_Dias - Livro didatico do surgimento as mudancas atuais.pdf](http://www.eseba.ufu.br/arquivos/anais/trabalhos_Completos/Eixo_1/Eliana_Dias_-_Livro_didatico_do_surgimento_as_mudancas_atuais.pdf)>. Acesso em: 02-11-2013.

FREITAS; Neli Klix; RODRIGUES, Melissa Haag. *O livro didático ao longo do tempo: a forma do conteúdo*. Disponível em:

<http://www.ceart.udesc.br/revista_dapesquisa/volume3/numero1/plasticas/melissa-neli.pdf>. Acesso em: 01-11-2013.

GÉRARD, F. M; ROEGIERS, X. *Concevoir Et Évaluer Des Manuels Scolaires*. Bruxelas: De Boeck-Wesmail. [Tradução portuguesa de Júlia Ferreira e Helena Peralta, Porto, 1998].

MENDONÇA, Rosa Helena; LUYTEN, Sonia M. Bibe; LOVETRO, José Alberto. História em quadrinhos: um recurso de aprendizagem. *Salto para o Futuro*, ano XXI, Boletim 01, abril 2011. Disponível em:

<<http://www.tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/181213historiaemquadrinhos.pdf>>. Acesso em: 10-10-2013.

MONFARDINI, Juliana Costa de Góes; GRAZINOLI, Daniele de Carvalho; FERREIRA, Marlene Nunes. As epistemologias do uso das histórias em quadrinhos na sala de aula: uma abordagem histórica. Artigo apresentado no XVI ENDIPE – Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino – UNICAMP – Campinas, 2012. Disponível em:

<<http://www2.unimep.br/endipe/3959p.pdf>>. Acesso em: 10-10-2013.

RAMA, A.; VERGUEIRO, W. (Orgs.). *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

SOUZA, Ana A. Arguelho de. Ensino de língua e literatura no Brasil do século XIX: o curso elementar da literatura nacional e as *Postillas de Rethorica e Poetica* utilizados no Imperial Colégio de Pedro II. *Caderno de Histórias da Educação*, vol. 12, n. 1, jan./jun. 2013.

VERGUEIRO, W.; RAMOS, p. (Orgs.). *Quadrinhos na educação: da rejeição à prática*. São Paulo: Contexto, 2009.